

INSÓLITO E MEDO: O IMAGINÁRIO SIMBÓLICO DAS LENDAS URBANAS

Sylvie Dion*

INTRODUÇÃO

“A expressão lenda urbana, do inglês *Urban legends*, apareceu nos anos 1970-1980 entre os folcloristas americanos para designar as anedotas da vida moderna, contadas como verdades, mas, que são falsas ou duvidosas”² (CAMPION-VICENT, 2005, 21). As lendas urbanas são narrativas coletivas, carregadas de efeito de verdade e de apelo à autoridade, e fazem parte do conhecimento popular e da cultura informal. História exemplar, a lenda urbana permeia nossas conversas mais quotidianas. Recebe-se todo dia, por e-mail, alertas apoiados em uma história um pouco sórdida, prevenindo-nos dos numerosos perigos da vida moderna: o consumo de aspartame provoca doenças neurológicas? McDonald’s oferece realmente 100% de carne bovina? Nosso telefone celular pode provocar câncer no cérebro? Uma simples lata de cerveja mal lavada poderia infectar-nos com leptospirose?

Mas o que nos revelam todas estas pequenas anedotas imaginárias? No âmbito deste trabalho, iremos primeiramente apresentar e definir a lenda urbana como prática narrativa contemporânea, comparando-a aos gêneros semelhantes, que são a lenda tradicional, o *fait divers* e o boato, para em seguida tentar identificar os lugares de medo e de angústia a partir do seu conteúdo e tentar resgatar o universo simbólico.

LENDA TRADICIONAL E LENDA URBANA

A lenda tradicional é uma narrativa que levanta certa subjetividade misturando fatos reais, históricos e elementos reveladores do sobrenatural e do extraordinário. Baseado na crença e alimentado pelo medo, o discurso lendário tem por objetivo explicar o incompreensível, o anormal, o imoral e o proibido, de acordo com o sistema de valores, a época e a visão de mundo de uma comunidade que impregna as narrativas com seus modelos de comportamento,

1 *Sylvie Dion, doutora em Literatura Comparada e professora associada no Instituto de Letras e Artes (ILA) Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

2 Todas as citações de autores franceses foram traduzidas no texto.

colaborando assim para a norma e a coerência do grupo. O universo da lenda é um mundo inquietante povoado de personagens sobrenaturais e monstruosos que entram em contato com os homens.

A lenda urbana, como a tradicional, é uma narrativa exemplar, anônima, que possui uma mensagem implícita e uma moral escondida à qual nos ligamos. O termo lendas urbanas foi adotado, como lembra Jean-Bruno Renard, “não porque elas desenvolvem-se necessariamente no meio urbano, mas para sublinhar que estas lendas tratam da modernidade, das nossas sociedades técnicas e industriais, cuja cidade é emblemática” (RENARD, 2006, p 158). Ancorada na modernidade, baseada na crença e requerendo a cumplicidade de um ouvinte ou pelo menos de um destinatário, a lenda urbana nos revela situações surpreendentes, insólitas, incompreensíveis. De acordo com Jean-Bruno Renard, as lendas urbanas seriam uma manifestação contemporânea do pensamento simbólico, pois “longe de serem histórias insignificantes, essas anedotas são, ao contrário, histórias significativas, cheias de sentido (...)” (RENARD, 2002, p. 6). Esses “micromitos produzidos pelo pensamento simbólico” (RENARD, 2007, p. 93) são a expressão de nossos medos e de nossos desejos.

A lenda urbana se distingue da lenda tradicional por sua coincidência entre o tempo do narrador e o tempo da narração. Pois, como menciona Jean-Bruno Renard, “O narrador e os protagonistas da história são, no sentido próprio, contemporâneos. Os fatos relatados se situam num passado recente” (RENARD, 2002, p. 50). Ela distingue-se, sobretudo, pelo seu modo de difusão. Enquanto as lendas tradicionais eram transmitidas essencialmente pela oralidade e em uma área geograficamente limitada, as lendas urbanas, ao contrário, são transmitidas em escala mundial. Como observa Martine Roberge, etnólogo quebequense, a internet, através das mensagens eletrônicas, das redes de bate-papo virtuais, das redes sociais (facebook) “multiplica por dez a transmissão: mais rápido que o boca a boca, multiplica, quase ao infinito os retransmissores em uma comunicação despessoalizada, codificada (estilo oral da linguagem MSN)” (ROBERGE, 2009, p 31). Alertas de vírus eletrônicos, correntes mágicas, correntes de solidariedade, petições, histórias engraçadas, lendas urbanas, boatos, são muitas mensagens que circulam em profusão na internet.

Mas, sempre de acordo com Jean-Bruno Renard, é principalmente pelo conteúdo que os dois tipos de lendas distinguem-se: “as lendas modernas apareceram com o desenvolvimento técnico-científico e o modo de vida urbana que elas não contentam-se de considerar como quadro, mas o colocam verdadeiramente no coração de suas narrativas.”(RENARD, 1999, 51).

FAIT DIVERS E BOATO

Além da lenda tradicional, a lenda urbana também tem como gênero vizinho o *fait divers*, que, por sua vez, tem na origem acontecimentos reais que receberão tratamento jornalístico. Em seu sentido mais comum, um *fait divers* é a seção de um jornal na qual estão reunidos os incidentes do dia, geralmente as mortes, os acidentes, os assassinatos, os suicídios ou qualquer outro acontecimento marcante e insólito do dia. O *fait divers* é uma narrativa moralizante de temas recorrentes, o acontecimento é nele dramatizado de modo espetacular. Além disso, o *fait divers* sempre se apresenta como uma história vivida, surpreendente, curiosa, horrível ou extraordinária, mas verdadeira. Nas palavras de Jean-Bruno Renard: “*Faits divers* e lenda urbana convergem um em direção ao outro, partindo de pontos opostos: o *fait divers* é uma legendificação do real e a lenda é um *fait divers* imaginário”. (RENARD, 2002: 63).

A lenda urbana assemelha-se também com o boato, enunciado, a partir de uma informação não confirmada, mas transmitida como verdadeira. Gênero curto, efêmero, instável e não narrativo, o boato é objeto de uma crença relativa. Normalmente, a lenda urbana vai desenvolver-se a partir ou de um boato ou de um *fait divers*. O boato seria a forma breve da lenda. Ele vai desenvolver-se, de acordo com o caso, em uma pequena anedota exemplar numa forma narrativa mais articulada.

Para Véronique Champion-Vincent e Jean-Bruno Renard a lenda urbana é um gênero folclórico de comunicação que se apoia em dois critérios. Inicialmente, a história apresenta variantes de três tipos: estilísticas superficiais (dependendo de quem conta), circunstanciais, ela se adapta ao ambiente cultural, e profundas, quando ela substitui elementos de naturezas diferentes, mas insuficientes para dizer tratar-se de outra lenda (CAMPION-VINCENT, RENARD, 2005). Renard aponta, todavia, que as lendas urbanas são frequentemente lendas internacionais. Em seguida, a história é parcialmente ou totalmente falsa, mas contada como verdadeira, com um final surpreendente, porém possível. Com frequência ela parece ser um *fait divers*. As narrativas, indo do cientificamente falso (tráfico de órgãos; a retirada de um rim em um quarto de motel) ao materialmente impossível (um filhote de crocodilo jogado no vaso sanitário poderia estar vivo nos esgotos), ao verossímil (descobrir um rato numa garrafa de coca-cola, um preservativo dentro do pão).

Em sua diferença com a lenda tradicional, na qual predominam elementos sobrenaturais e religiosos, a lenda urbana, mesmo que ela contenha elementos misteriosos, aposta no realismo, apoiando-se nas crenças e nos medos atuais.

OS LUGARES DOS MEDOS

Mas, o que nos contam todas estas narrativas, estas *urban belief tales*, quais são as angústias e os medos que elas veiculam? Contra que e

contra quem elas nos alertam? Como classificá-las? O corpus das narrativas e de suas variantes é imenso, citamos, somente a título de exemplo, a volumosa “Encyclopedia of urban legends” de Harold Brunvand, publicada em 2001, ou ainda os numerosos *sites* da internet consagrados ao assunto.

Jean-Bruno Renard propõe um reagrupamento temático das lendas urbanas mais frequentes, que ele divide em seis categorias ou problemas geradores³, sabendo, como o autor indica “que uma narrativa lendária pode participar de vários temas” (RENARD, 2002, 99).

Há primeiramente as lendas que dizem respeito às novas tecnologias, “os tecno-medos” atribuídos a um mau uso do aparelho, o “efeito *gremlins*” e a história da velha que seca seu gato no forno micro-ondas, ao mau funcionamento do mesmo ou ainda aos efeitos perversos de certos aparelhos, tais como o forno de micro-ondas, os televisores, os jogos de videogame e, mais recentemente, o aparelho celular.

Em seguida vêm as lendas que dizem respeito aos estrangeiros. “As acusações racistas e xenófobas, que repousam sobre o medo da diferença, portam sempre sobre quatro domínios, a comida, a violência, a sexualidade e o território, que são aqueles que uma sociedade regulamenta mais.” (RENARD, 2002,104). Na maioria dos casos as lendas sobre canibalismo involuntário vão inserir-se nesta categoria e são manchados de xenofobia.

A natureza selvagem é outro tema que se encontra nas lendas modernas e que está frequentemente ligada à aparição de bestas selvagens na cidade, os jacarés gigantes dos esgotos de Nova York, por exemplo, a importação de um animal exótico, voluntária ou involuntariamente, e as recentes histórias de cobras nas piscinas de bolinhas, ou a invasão de um animal no corpo humano (girino, aranha, serpente engolida por engano e que se desenvolve no corpo). Aqui ainda, numerosas lendas apontam para os riscos do exotismo, do que vem de fora. “O medo do estrangeiro, expresso metaforicamente pelas plantas e pelos animais exóticos perigosos” (RENARD, 2002,107) como conta a lenda “*The mexican pet*”, na qual uma mulher leva do México o que ela acredita ser um lindo cãozinho, mas que é, na realidade, um grande rato.

O tema da insegurança no mundo moderno domina as lendas urbanas. Já presente, como se viu, em tecno-medos, estrangeiros e natureza selvagem, várias lendas apresentam os maníacos urbanos, os loucos e os sádicos de todos os tipos (lâminas de barbear dentro das maçãs de Halloween), os assassinos em série, os drogados (adesivos de LSD, *baby-sitter hippy*, jovem drogada que cozinha o bebê

³ Martine Roberge do Quebec, na sua obra, *De la rumeur à la légende urbaine (Do boato à lenda urbana)*, propõe quanto a ela dez temáticas dominantes: os maníacos, os insetos, a alimentação, as histórias de crianças, os animais, os automóveis, a tecnologia, os banheiros públicos, os estrangeiros, a universidade. (ROBERGE, 2009).

de seus padrões), os ladrões e as gangues (palhaços que roubam crianças com vistas ao comércio de órgãos, a célebre “Kombi do palhaço” no Brasil), conspirações e sociedades secretas (teorias do complô, megaconspirações). Encarnação da violência urbana, estes agressores podem surgir a qualquer momento, eles rondam os estacionamentos, os elevadores, os parques, as praias, entram nas casas. “O maníaco é a metáfora da violência urbana e da insegurança da vida moderna nas grandes cidades: ele encarna os desvios do ser humano. Figura dupla, o maníaco representa ao mesmo tempo o agressor e o louco.”

(ROBERGE, 2009, p53).

As lendas urbanas são o espelho de nosso tempo e testemunha da evolução dos costumes num tom, muitas vezes, de reprovação, às vezes, cômico. Algumas narrativas informam-nos, por exemplo, sobre as mudanças ocorridas na nossa relação com a morte e com a família e condenam o individualismo. A história da avó roubada aponta severamente o dedo para toda a “culpabilidade que nós experimentamos frente aos nossos comportamentos egoístas para com as pessoas idosas e sua morte” (RENARD, 2002,115). Outras denunciam a intransigência da estética ao ponto de querer emagrecer a qualquer preço (história do remédio emagrecedor com vermes) ou de submeter-se a sessões de bronzeamento intensivo, a ponto de morrer (história da jovem cozida pelos raios UVA). Hábitos e práticas sexuais que terminam mal, agulhas contaminadas com HIV ou relações sexuais sem proteção, revelação pública de adultério pela internet ou de cenas comprometedoras que circularão no meio de trabalho; as histórias condenando a liberação dos costumes são numerosas.

Enfim, sempre presente, o tema do sobrenatural explica a persistência das histórias de fantasmas e destes caronas fantasmas, mortos num trágico acidente de automóvel.

A maior parte destas histórias de almas de outro mundo expressam não só a esperança secreta de uma vida após a morte, mas também a angústia da morte violenta, em particular, nos acidentes de transporte (automóvel avião). (RENARD, 2002:121).

A ALIMENTAÇÃO MODERNA E A LENDA URBANA: UM PROBLEMA GERADOR RECORRENTE

Voltemos, terminando em um dos problemas geradores que me parece muito significativo de nosso modo de vida moderna, o tema da comida. A alimentação nas nossas sociedades modernas revela-se um dos temas predominantes, muito frequentemente em estreita associação com aquele do estrangeiro. Alimentar-se é uma

necessidade, às vezes um prazer ou uma questão de saúde ou, ainda, de estética. Comer bem, ser apreciador da gastronomia, comer mal, comer saudavelmente, fazer dieta, tudo isso implica escolhas, ações, atitudes e modos de vida.

Todos os dias as mídias inundam-nos com informações sobre bons e maus hábitos alimentares, sobre alimentos bons e saudáveis, sobre os regimes emagrecedores, a obesidade, o peso ideal, as gorduras transgênicas, as fibras, os produtos sem açúcar, sem sal, sem gordura, os dietéticos, os *light*. Várias reportagens são alarmantes sobre nossos hábitos alimentares, explicando, assim, a proliferação de numerosas doenças. Alarmantes igualmente sobre a composição real dos alimentos que consumimos todo dia, mesmo que apareça na embalagem de cada alimento vendido, em grande superfície, sua composição química.

Como, em cada uma de nossas compras, decifrar tudo isso? Não se conhece mais realmente a proveniência nem a composição dos alimentos que se consome. O consumidor moderno sente-se completamente ultrapassado no universo dos alimentos industrializados. O ritmo da vida moderna obriga-nos a confiar, a comer em restaurantes, às vezes, nos *fast foods*, a abrir mão do preparo da comida, ao invés de prepará-la nós mesmos, a comprar pratos preparados e embalados no supermercado, a comprar um produto do momento, que não passou da data de validade.

Em suma, em face de toda esta diversidade, esta aparente facilidade, alimentar-se virou uma verdadeira aventura de risco, uma preocupação social frequentemente muito angustiante expressa nas numerosas lendas urbanas sobre alimentos que parecem uma verdadeira armadilha: os pânicos alimentares, a indústria alimentar, os *fast foods*, os envenenamentos, as contaminações alimentares como demonstram as histórias bem conhecidas “o osso de rato”⁴, *do rato frito à la Kentucky*⁵ ou da proveniência e composição duvidosa da carne bovina da cadeia McDonald’s.

Assim, como orientar-se em toda esta opulência e variedade de comida controlada e preparada por desconhecidos, empregados de grandes empresas alimentares multinacionais (Nestlé, Kraft, etc.), preocupados, supõe-se, com o lucro, a produtividade, a publicidade, a embalagem ao gosto do consumidor, e não com a qualidade nutritiva do produto.

4 Un homme qui avait mangé dans un restaurant asiatique se rend chez son dentiste à cause d'un mal aux gencives. Le dentiste lui retire un bout d'os assez peu commun. Le dentiste, curieux et consciencieux, le fait examiner et en conclut que cet os est en fait un fragment d'os de rat. Le dentiste téléphone aussitôt à son patient qui prévient la police. Celle-ci se rendue donc au restaurant où dans la cuisine ils découvrent un réfrigérateur rempli de rats dépecés. <http://fanchinoutte.skyrock.com/1172884278-L-os-de-rat.html>

5 Un jeune couple se rend au PFK (KFC) le plus près de chez eux pour y acheter un baril de poulet frit. Le jeune homme gare sa voiture dans le stationnement du dit restaurant pour y déguster le bon poulet. Sa copine se plaint du goût particulier de son morceau de poulet. Son ami lui demande d'y goûter. Après avoir constaté le mauvais goût du poulet, il décide d'allumer le plafonnier pour faire la macabre découverte d'un rat frit qui avait probablement atterri dans la friture un peu plus tôt. <http://jojo22501.kazeo.com/legendes-urbaines/legendes-urbaines-effrayantes.a492159.html>

Da mesma maneira, comer num restaurante exótico, significa romper com o ordinário, quebrar a rotina. Mas esta aventura não é sem riscos, e está aí quantidade de boatos para lembrar-nos disto: sob bonitas aparências, nem sempre se reconhece o que há no nosso prato.

Muito frequentemente, não é a comida exótica que é apontada com o dedo, mas aqueles que a preparam e a manipulam, suas origens, seus hábitos de vida diferenciados, o estado dos lugares, muitas vezes, não conforme os critérios de limpeza da sociedade de acolhimento farão com que a menor dúvida se transforme em boato. A experiência no restaurante exótico virá a concretizar o medo e a ameaça potencial que representa o outro, podendo atingir-nos através de uma necessidade vital: alimentar-se.

Nesta série de preocupações em torno da comida, encontramos o tema do canibalismo involuntário que se atualiza em diferentes casos: dedo cortado no pão, preservativos dentro de alimentos industrializados, cadáver dentro da cuba do barco, na cisterna de transporte de vinho ou achado na cuba da cerveja – a macabra descoberta faz-se quando o conteúdo já foi distribuído aos consumidores –, cinzas funerárias usadas como temperos (ROBERGE, 1989, p. 91) e finalmente o comércio de carne humana.

O canibalismo involuntário, motivo recorrente do folclore urbano e tradicional, faz eco ao grande medo do homem: a antropofagia, tabu arcaico e último que será involuntariamente transgredido. Os alimentos preparados com carne humana estão geralmente dissimulados dentro de preparos onde não se reconhecem os pedaços: salsichas, patê, guisados, empanadas, e levantam a suspeita de uma grande perversidade, às vezes, um desejo de vingança. Segundo Véronique Champion-Vincent “nós encontramos o esquema, tão frequente, nas lendas contemporâneas das ‘armadilhas do cotidiano’”. (CAMPION-VINCENT, 1992, p.70). Essas histórias possuem todas as características de uma lenda urbana: aparência de um *fait divers* insólito, variante em torno da mesma estrutura, protagonistas tipificados, retórica do conto.

Existem numerosas variantes de casos relatando o comércio de carne humana tanto na Europa como nas Américas. A história mais conhecida na França é também a mais antiga, datada do século XII. É aquela dos pequenos patês da Rua dos Marmoussets, atual Rua Chanoinesse, perto da igreja Notre-Dame, em Paris.

No começo do Século XX, o folclorista Paul Sébillot, na obra o *Folklore de France*, menciona numerosas tradições sobre açougueiros de carne humana (Apud. CAMPION-VINCENT, RENARD, 1992, p. 97) como aquela do açougueiro de Besançon que fabricava patês com carne de criancinhas.

No Brasil, a Rua Arvoredo, atual Rua Coronel Fernando Machado, em Porto Alegre, é tristemente célebre por ter sido o teatro de uma série de crimes macabros que marcaram a população. Ainda hoje, ela é uma das lendas urbanas mais conhecidas da capital. De fato, não há um motorista de táxi da capital gaúcha que não conheça a história das linguças de carne humana.

Por volta de 1864, a polícia de Porto Alegre, investigando sobre uma série de desaparecimentos, descobre no porão de uma casa, da Rua do Arvoredo, cadáveres despedaçados e em estado de decomposição. Um casal alemão é detido. José Ramos, um antigo policial, e Catarina Palse, uma jovem imigrante de origem alemã, locatários do lugar, são acusados e condenados pelo assassinato de três pessoas. Logo depois da descoberta dos cadáveres despedaçados, circulará o boato de que Ramos transformava suas vítimas em linguças que eram vendidas e muito apreciadas em toda Porto Alegre, transformando uma parte da população em canibais involuntários. Com o tempo, o discurso lendário virá a confundir os fatos históricos e o número de crimes irá aumentar, supondo que a descoberta desses três cadáveres fosse apenas a ponta do iceberg. Com isso, todas as outras vítimas teriam virado linguças.

Em abril desse ano, um trio de assassinos foi preso em Garanhuns (PE). Eles usavam parte da carne das nádegas e das coxas das vítimas no recheio de salgados como coxinhas e empadas, que eram vendidas na cidade do agreste pernambucano⁶.

Segundo Jean-Bruno Renard, “O impacto das lendas sobre o mundo real, para melhorá-lo ou para piorá-lo, lembra-nos o quanto é frágil a separação entre o real e o imaginário, o verdadeiro e o falso. Não é um acaso se a mesma palavra ‘história’ significa tanto a realidade (a ‘História’) quanto a ficção (‘contar histórias’)” (RENARD, 2002:125). A Lenda urbana sob suas aparências de *faits divers*, alertando-nos de todos esses perigos que nos espreitam, faz-se testemunha de nossos medos e de nossas angústias. Sejam alimentos que constituem uma armadilha, envenenamentos, contaminações, canibalismo involuntário, violência urbana, estas narrativas invadem nosso cotidiano a tal ponto que, às vezes, não sabemos mais distinguir o verdadeiro do falso. A Lenda, alertando-nos de todos estes perigos faz-se o eco das angústias do homem ordinário: entre o estrangeiro, os maníacos urbanos, as diversas conspirações, o medo das novas tecnologias, em toda parte, a todo instante, nosso cotidiano pode cair numa armadilha e precipitar-se no horror do drama e da incompreensão.

Tradução: Kelley Baptista Duarte e Rosa Rockenbach

⁶ <http://www.pernambuco.com/ultimas/nota.asp?materia=20120415181434>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CAMPION-VINCENT, Véronique, Jean–Bruno Renard. *Légendes urbaines, rumeurs d'aujourd'hui*. Paris: Payot, 1992.

CAMPION-VINCENT, Véronique, Jean–Bruno Renard. *De source sûre, nouvelles rumeurs d'aujourd'hui*, Paris: Payot, 2005.

RENARD, Jean Bruno. *Rumeurs et légendes urbaines*. Paris: PUF, 2002.

RENARD, Jean Bruno. *Imaginaire et vie quotidienne*, in Legros, Monneyron, Renard, Tacussel, *Sociologie de l'imaginaire*, Paris : Armand Colin, 2006.

RENARD, Jean Bruno, *Imaginário e vida cotidiana*, in Legros, Monneyron, Renard, Tacussel, *Sociologia do imaginário de l'imaginaire*, Porto Alegre : Editora Sulina, 2007.

ROBERGE, Martine. *De la rumeur à la légende urbaine*, Québec: PUL, 2009.